

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO: UMA INVESTIGAÇÃO COM CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Alberto Carlos de Souza¹

betocarlos@bol.com.br

Resumo: Oficina de gênero realizada com 30 crianças de oito anos de idade, estudantes de uma escola pública municipal de Vitória (ES), e que teve como propósito celebrar o Dia Internacional da Mulher, em 8 de março. Toda a produção estética dessa oficina girou em torno da música “Maria, Maria”, de autoria de Milton Nascimento e Fernando Brant (1978) e constou de canto coral e elaboração de pictografias femininas (desenho com massa de modelar), a partir da questão norteadora: “Quem é essa mulher, de quem tanto fala a música?” Maria foi representada pelas crianças principalmente como figura parental, trabalhadora ou ente religioso.

Palavras-chave: gênero, Música Popular Brasileira, crianças, Milton Nascimento.

Abstract: Workshop on gender held with 30 children, 8-year-old students at a local public school in Vitória (ES), which aimed to celebrate the International Women's Day on 8 March. The whole production aesthetic of this workshop was about the song "Maria, Maria", written by Milton Nascimento and Fernando Brant (1978) and consisted of choral singing and the development of female pictographs (drawing with clay), from the question question: "Who is this woman, who talks so much about the music?" Mary was represented mainly by children and parent figure, worker or religious entity.

Keywords: gender, Brazilian Popular Music, children, Milton Nascimento.

Introdução

Este estudo dá conta de relatar as representações sociais que um grupo de 30 crianças de onze anos de idade, estudantes do 3.º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof. Vercenílio da Silva Pascoal, no Município de Vitória (ES), tem sobre a mulher. Tal estudo constituiu-se como a primeira parte de um projeto que teve como motivação criar um espaço estético para comemorar, em nossa escola, o Dia Internacional da Mulher, cuja data é reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), desde 1975, como o dia 8 de março.

Esta data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher foi marcada há 152 anos por uma tragédia: um incêndio no dia 8 de março de 1857, na cidade de Nova Iorque, que causou a morte de 130 manifestantes, dentre as centenas de mulheres trabalhadoras das

¹ Universidade Salgado de Oliveira

fábricas de vestuários e têxteis. Essas mulheres, em greve, protestavam contra os baixos salários, as péssimas condições de trabalho e a jornada estafante de 12 horas diárias de trabalho (BRITO, 2003, p. 1).

Sobre este relato, especificamente, tratou-se de um projeto implementado à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – um documento editado pelo Ministério da Educação e que oferece as balizas para se construir uma referência curricular nacional para o ensino fundamental. Dentre as suas muitas recomendações, estes parâmetros recomendam aos educadores que

[...] as crianças e os jovens deste país desenvolvam suas diferentes capacidades, enfatizando que a apropriação dos conhecimentos socialmente elaborados é a base para a construção da cidadania e da sua identidade, e que todos são capazes de aprender e mostrar que a escola deve proporcionar ambientes de construção dos seus conhecimentos e de desenvolvimento de suas Inteligências com suas múltiplas competências (BRASIL, 1998, p. 10-11).

Tais PCN prescrevem também que os temas sociais urgentes – chamados Temas Transversais -, devam ser desenvolvidos de maneira interdisciplinar no ensino fundamental (BRASIL, 1998).

De acordo com os referidos PCN, é necessário que os docentes atuem com a diversidade existente entre os alunos e que com os seus conhecimentos prévios sirvam como fonte de aprendizagem de convívio social e não apenas como um meio de aprendizagem de conteúdos específicos (BRASIL, 1998).

Assim posto, entendermos que as questões afeitas às relações de gênero – aqui incluídas a mulher e a sua relação com o trabalho -, constituem um tema social urgente. Como forma de celebrar o Dia Internacional da Mulher na escola, propusemos este projeto interdisciplinar de protagonismo das crianças, deixando emergir suas representações sobre a mulher.

Conforme observam Schiele e Boucher (2001), as representações são construções simbólicas que norteiam as atividades. Tais representações são elaboradas coletiva e socialmente pelos atores sociais e servem para os mesmos nomearem, apreenderem e transformarem o seu meio ambiente. Essas representações circulam e transformam-se principalmente por meio das relações de comunicação desenvolvidas entre os atores sociais.

Sobre as representações sociais - uma forma de conhecimento prático que se insere muito bem entre as correntes que estudam o senso comum -, Moscovici (1978, p. 26) as definem como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos”, visto que constituem “um corpus

organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, liberando os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 1978, p. 28).

Na elaboração do referido projeto, o nosso propósito foi o de deixar emergirem as representações que as crianças – enquanto atores sociais cheios de conhecimentos prévios -, tinham sobre as mulheres. Para tal nos apropriamos da música “Maria, Maria”, de autoria de Nascimento e Brant (1978), como ponto de partida da nossa intervenção, por entendermos que esta letra é um hino de amor às mulheres (in)comuns brasileiras, que, assim como aquelas trabalhadoras norte-americanas de 1857, ainda lutam por fazer valerem os seus direitos e participam da construção do nosso cotidiano social.

Apoiados pela musicalidade da interpretação de “Maria, Maria”, na voz de Milton Nascimento, buscamos, através do desenvolvimento da tensão psíquica das crianças, dar visibilidade às representações que as mesmas têm sobre a mulher. Utilizamos para tal a linguagem estética, compreendida pela sua dimensão plástica e musical.

Sobre o conceito de tensão psíquica, tão essencial ao processo de criação, Ostrower (1987) observa que

[...] Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida (OSTROWER, 1987, p. 27-28).

O ponto de partida do projeto foi o alcance do seguinte objetivo: conhecer as representações sociais que crianças têm sobre as mulheres, tendo como referência a música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Metodologia

Tratou-se de uma experimentação estética de caráter plástico, teatral e musical, enquanto intervenção de ensino-aprendizagem interdisciplinar (Arte – Educação Física), em uma escola de ensino fundamental de Vitória.

A intervenção teve como cenário a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof. Vercenílio da Silva Pascoal, da Rede Municipal de Educação de Vitória (ES). O

universo desta intervenção foi constituído pelos 30 estudantes da turma única do 3.º ano do Ensino Fundamental da referida escola.

O trabalho foi realizado através de atividades de laboratório e constou dos seguintes momentos:

- 1º) Leitura compreensiva da letra “Maria, Maria”; buscando esclarecer termos ou expressões desconhecidas pelas crianças;
- 2º) Audição silenciosa da música;
- 3º) Memorização da letra da música, através da escuta e canto simultâneo e,
- 4º) Representação da mulher, através da técnica de desenho com massa de modelar, a partir da seguinte questão norteadora:

“Quem é essa mulher, de quem tanto fala a música?”

Para a elaboração do relatório desta experimentação estética, tomamos como suporte a Análise de Conteúdo, entendida como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2000, p. 42).

Maria, Marias ...

Nem todos os fenômenos sociais são formadores de Representações Sociais. Uma Representação Social surge onde houver perigo para uma identidade coletiva e traduz a relação de um grupo com um objeto socialmente valorizado. Assim, toda Representação Social é a representação de algo e/ou de alguém por alguém.

Nossa opção por esse quadro teórico ficou assim justificada: a representação de alguém – a mulher –, por um grupo de crianças. Mas, afinal, quem são essas crianças? São, conforme nos apresenta Del Priore (2006), crianças brasileiras como aquelas que estão em toda parte, com destinos variados e variados rostos: rostinhos mulatos, brancos, negros e mestiços. Algumas amadas e outras simplesmente usadas.

A partir das cenas de produção estética elaboradas por aquelas crianças, através da técnica de desenho com massa de modelar em papel branco, construímos cinco categorias

analíticas que nos deram conta de compreender que, para essas crianças, Maria faz-se representar, nesta ordem, principalmente como:

- 1) figura parental (mãe = 6 referências, avó = 4 referências);
- 2) trabalhadora (cantora = 2 referências, feirante = 4 referências, lavadeira = 4 referências e professora = 1 referência);
- 3) ente religioso (santa = 5 referências);
- 4) personagem (mutante de uma novela = 3 referências) e, por fim,
- 5) simplesmente como persona (mulher feliz = 1 referência).

Podemos evidenciar que, neste estudo, as representações de Maria como figura parental – mãe ou avó -, ou como trabalhadora, são as que mais se sobressaem, denotando a importância da família e do trabalho feminino na vida dessas crianças.

Sobre a família, D’Inácio (2004) observa que foi a partir do século XIX, época marcada pelo início da urbanização brasileira, que a mulher ressignifica, pela primeira vez em nosso contexto histórico, o seu lugar nas relações da chamada família burguesa, fortemente valorizada pelos sentimentos de intimidade e maternidade. Dessa forma, a mulher passa a fazer parte de um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, tendo como função o cuidar dos “filhos educados e (ser) esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigadas de qualquer trabalho produtivo, representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível” (D’INACIO, 2004, p. 223).

Tal concepção de sociedade, reservando “ao homem, o universo do público, o trabalho remunerado, o papel de provedor econômico da família, a racionalidade, a fibra” (SOUZA, 1997, p. 182) e “à mulher, o universo do privado, o trabalho não remunerado do lar, o cuidado com os filhos, a sensibilidade, a fragilidade” (op. cit., p. 182) foi algo que perdurou ao longo dos séculos. Trata-se, no entanto, de uma visão burguesa da sociedade brasileira, pois nas camadas de baixo poder aquisitivo as mulheres, em todos os tempos, sempre estiveram inseridas no mercado de trabalho.

No presente estudo, as crianças referem Maria como uma trabalhadora – geralmente inserida em ocupações pertencentes ao setor de serviços: Maria é feirante, ou lavadeira, ou professora, ou cantora. Em relação à inserção da mulher de classes menos favorecidas no trabalho, temos de considerar que, historicamente, elas sempre foram pressionadas a obter remuneração “[...]As empregadas domésticas [...] existem desde o fim da escravidão. No

campo, as mulheres sempre estiveram presentes na lavoura, basta ver qualquer ilustração de colheitas de café ou cana de açúcar para constatá-lo...” (SOUZA, 1997, p. 182).

A finalização do projeto se deu através de um encontro de socialização com as mães das crianças: as crianças receberam suas mães cantando em coro a canção “Maria, Maria”. Simultaneamente, as representações elaboradas foram apresentadas em uma tela.

Considerações Finais

O ponto de partida desta intervenção consistiu na exploração da musicalidade de Milton Nascimento, protagonista do “movimento” Clube da Esquina, que floresceu em Minas Gerais, a partir da década de 60, no auge de um dos períodos mais críticos da história contemporânea brasileira: a ditadura militar (BORGES, 1996). Dentre o seu conjunto da obra, nossa opção se deu pela música “Maria, Maria”.

As representações sociais da mulher, aqui apresentadas, são entidades quase tangíveis que “circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro” (MOSCOVICI, 1978, p. 41), no universo cotidiano dessas crianças.

O estudo evidenciou que, para essas crianças, Maria se faz representar como aquela mulher comum, representada por Milton Nascimento, em sua infância de menino negro, filho adotivo, criança traquina, tão igual a muitas das crianças que frequentam as nossas escolas de periferia: Maria é mãe, ou avó, ou trabalhadora, ou santa, ou – simplesmente -, uma mulher que é feliz!

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BORGES, M. *Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, M. Dia Internacional da Mulher – história. In: *Feminina comemora o dia da mulher na Fafi*. Disponível em: www.vitoria.es.gov.br/secretarias/cultura/feminina2003.htm. Acesso em: 8 fev. 2009.
- DEL PRIORE, M. *História das crianças no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- D’INACIO, M.A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
-

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Maria, Maria. In: *Clube da Esquina 2*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1978. 2 CD, CD 2, faixa 8.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SCHIELE, B.; BOUCHER, L. A exposição científica: uma maneira de representar a ciência. In: JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 363-377.

SOUZA, B.P. Mães contemporâneas e a orientação dos filhos para a escola. In: MACHADO, A.M.; SOUZA, Marilene P.R. *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.